

# PERCEPÇÕES DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES SEM DEFICIÊNCIA SOBRE A DEFICIÊNCIA VISUAL

Maewa Martina Gomes da Silva e Souza<sup>1</sup>; Aline de Novaes Conceição <sup>2</sup>; Adriana Alonso Pereira<sup>3</sup>;

maewa.martina@unesp.br

<sup>1</sup>Universidade Estadual Paulista (Unesp), “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC), Câmpus de Marília/SP; <sup>2</sup> Unesp, FFC, Câmpus de Marília/SP; <sup>3</sup>Unesp, FFC, Câmpus de Marília/SP

## Introdução

Compreender as percepções de deficiência é fundamental para promover uma sociedade inclusiva e equitativa. Essa análise vai além de uma mera compreensão das limitações físicas, sensoriais ou cognitivas, alcançando o cerne das interações sociais, culturais e educacionais. Ao explorar as diversas perspectivas sobre as deficiências, somos desafiados a desconstruir estigmas, preconceitos e barreiras que historicamente marginalizaram as pessoas com deficiência (Conceição; Souza, 2018).

A investigação das concepções de deficiências não se limita apenas ao campo da saúde, mas se estende ao âmbito social, político e educacional. Essa abordagem ampla permite uma apreciação mais abrangente das experiências vivenciadas por indivíduos com e sem deficiência, destacando a importância de reconhecer suas habilidades, potencialidades e contribuições para a sociedade.

Ao adotar uma perspectiva crítica e reflexiva sobre as concepções de deficiência, é possível fomentar mudanças significativas em políticas públicas, práticas educacionais e atitudes sociais em relação à inclusão (Conceição, 2018).

Nesse sentido, compreender as percepções de deficiência não é apenas um exercício acadêmico, mas um compromisso moral e social. Essa compreensão aprofundada não apenas enriquece a nossa percepção da diversidade humana, mas também nos impulsiona a construir práticas pedagógicas e terapêuticas cada vez mais inclusivas.

## Objetivo

Compreender as percepções de crianças e adolescentes sem deficiência sobre a deficiência visual.

## Método

Participaram do estudo 500 crianças, provenientes de cinco escolas públicas, sendo do primeiro ano do Ciclo inicial do Ensino Fundamental até o nono ano do Ciclo Final do Ensino Fundamental. As escolas são provenientes das cinco regiões do Brasil. Nove turmas participantes foram provenientes de duas escolas por região, sendo uma escola de Ensino Fundamental I e uma escola de Ensino Fundamental II na região Norte, a mesma disposição se aplica para as regiões Nordeste, Centro-Oeste e Sudeste. Eram participantes de escolas do Fundamental I os alunos referentes aos anos 1º, 2º, 3º, 4º e 5º. Os alunos do 7º, 8º e 9º ano frequentavam as escolas Ensino Fundamental II. Vale ressaltar que a única região que só teve a participação de uma única escola foi a Sul, pois como relatado, no mesmo prédio foram concentrados os dois níveis de ensino. Dessa forma, tivemos um total de 9 escolas participantes.

A Tabela 1 apresenta características dos alunos organizados por região, turma escolar, total matriculado nas instituições e total de alunos que tiveram autorização e participaram do estudo.

Tabela 1 - Características dos participantes matriculados no ciclo I do Ensino Fundamental

Grupos	Regiões									
	Norte		Nordeste		Centro-Oeste		Sudeste		Sul	
	M	P	M	P	M	P	M	P	M	P
<b>1° Ano</b>	27	15	21	5	15	8	26	11	21	5
<b>2° Ano</b>	28	16	23	5	13	5	26	13	21	10
<b>3° Ano</b>	29	13	25	6	16	5	25	10	26	8
<b>4° Ano</b>	30	14	24	7	11	0	22	15	27	14
<b>5° Ano</b>	19	16	22	8	18	1	29	15	31	16
<b>Total</b>	133	74	115	31	73	19	128	64	126	53

Legenda: M = Total de alunos matriculados. P = Total de alunos participantes.

Fonte: elaboração própria

A Tabela 2 apresenta as características dos alunos organizados por região, turma escolar, total matriculado nas instituições e total de alunos que tiveram autorização e participaram do estudo.

Tabela 2 - Características dos participantes matriculados no ciclo II do Ensino Fundamental

Grupos	Regiões									
	Norte		Nordeste		Centro- oeste		Sudeste		Sul	
	M	P	M	P	M	P	M	P	M	P
<b>6° Ano</b>	34	13	20	9	21	9	30	10	15	14
<b>7° Ano</b>	37	12	24	12	28	20	24	12	20	18
<b>8° Ano</b>	39	15	29	11	25	13	29	10	15	17
<b>9° Ano</b>	36	17	27	10	31	13	22	8	20	16
<b>Total</b>	146	57	100	42	105	55	105	40	70	65

Legenda: M = Total de alunos matriculados. P = Total de alunos participantes.

Fonte: elaboração própria

Considerando o número total de participantes convidados, participaram da pesquisa 45% dos alunos convidados provenientes de todas as localidades. A adesão na participação por região segue na seguinte ordem: em primeiro lugar a região Sul (60% da participação, sendo 196 convidados e apenas 118 participantes); em segundo lugar a região Norte (47%, sendo 279 convidados e 131 participantes); em terceiro lugar a região Sudeste (com 45% da participação, sendo 233 convidados e 104 participantes); em quarto lugar a região Centro-Oeste (42%, sendo 178 convidados e 74 participantes); em quinto lugar a região Nordeste (com 34%, sendo 215 convidados e 73 participantes).

Para a coleta de dados, foi utilizado um questionário elaborado por Souza (2010), tendo como base o questionário construído por Magiati, Dockrell e Logotheti (2002). Apesar do questionário ser composto por 24 questões que contemplam a investigação das concepções que as crianças têm, envolvendo os seguintes aspectos: conhecimentos sobre a deficiência, causas, implicações e possibilidades de interação com as pessoas público-alvo da Educação Especial, apresentaremos um recorte referente a questão relativa a percepção exclusivamente sobre a deficiência visual.

Sobre a aplicação do instrumento, ele ocorreu de modo similar em todas as turmas, tendo diferença apenas nos ambientes que foram modificados mediante a quantidade de alunos ou indicação da coordenação escolar.

Para análise dos dados, foi realizada a transcrição das respostas obtidas pelos participantes e, posteriormente, efetuada a categorização dessas respostas. Com relação a categorização, optamos por utilizar as mesmas indicadas por Souza (2010, 2014, 2019), assim foram utilizadas as seguintes categorias: 1) desconhecimento, 2) ideia fantasiosas, 3) informação equivocada e 4) resposta favorável. Além disso, foram utilizados testes estatísticos específicos.

## **Resultados e Discussão**

Nesta seção, serão apresentados os tipos de respostas sobre o conceito de deficiência visual e após a categorização das mesmas. Os tipos de respostas apresentados pelos alunos encontram-se no Quadro 1.

Quadro 1 - Respostas apresentadas pelos participantes sobre a deficiência visual

Grupo	Região	Respostas
G1	Norte	G1P10 – "Não sei" G1P2 – "Que não enxerga"
	Nordeste	G1P1 – "Não sei" G1P4 – "Ela não enxerga nada. Tem que usar óculos escuros e usar uma bengalinha"
	Centro-oeste	G1P1 – "Que não olha, não enxerga"
	Sudeste	G1P2 – "Não sei" G1P8 – "Se uma cobra cega aparecer tem que correr, se morder fica cega" G1P7 – "Não enxerga nada"
	Sul	G9P2 – "Não sei" G9P5 – "Não enxerga"
G2	Norte	G2P10 – "Difícil pra ela" G2P11 – "Quando sapo joga leite no olho dela" G2P1 – "Ela não consegue enxergar"
	Nordeste	G1P2 – "Não sei" G1P1 – "Ela não consegue ver"
	Centro-oeste	G2P1 – "Não sei" G2P5 – "Ela não consegue ver"
	Sudeste	G2P1 – "Não sei" G2P10 – "Não consegui enxergar!"
	Sul	G2P1 – "Não sei" G2P10 – "Pra ela enxergar ela precisa tocar nas coisas pra sentir como que é daí"
G3	Norte	G3P9 – "Ela é gentil ela é legal e maiga de todo mundo" G3P3 – "Ela não pode enxergar nada"
	Nordeste	G3P6 – "Não sei" G3P1 – "Ela não enxerga e precisa de alguém para ajudar"
	Centro-oeste	G3P10 – "Não sei"
G4	Sudeste	G3P10 – "Não sei" G3P1 – "Ela não enxerga nada"
	Sul	G3P1 – "Não sei" G3P3 – "Ela não enxerga"
	Norte	G4P2 – "Pode ver nada"
	Nordeste	G4P6 – "Que não enxerga direito e que não pode enxergar nada"
G5	Centro-oeste	-
	Sudeste	G4P7 – "Não sei" G4P3 – "Uma criança que não enxerga"
	Sul	G4P5 – "Não sei" G4P2 – "Ela não enxerga e ela precisa de mais cuidados"
	Norte	G5P14 – "Não sei"
		G5P13 – "Que não pode ver"

Fonte: elaboração própria

O quadro permite a visualização de uma amostra das respostas que foram expressas pelas crianças e adolescentes participantes de cada região.

É possível observar que, de modo geral, mesmo com o desconhecimento presente em todos os grupos e pelos relatos equivocados, os participantes apresentam uma fala coerente, adequada, sobre a deficiência visual, sendo possível visualizar a necessidade da associação da pessoa com essa deficiência a algum recurso que ela faz uso em função da sua condição, como no caso do uso dos óculos escuros, da

bengala e do cão guia presentes nas falas dos participantes. Esse resultado vai ao encontro do que já foi exposto na literatura, quando se refere à facilidade de notarem características mais visíveis.

Nesse sentido, apresenta-se na Tabela 3, a frequência das respostas, apresentadas pelos participantes, enquadradas em suas respectivas categorias.

Tabela 3 - Deficiência visual: frequência das respostas apresentadas por categorias e por grupo

GRUPOS												
Regiões	Categorias	G1	G2	G3	G4	G5	G6	G7	G8	G9	T	%
<b>Norte</b>	<i>Desconhecimento</i>	1	1	0	0	1	2	0	3	3	11	8%
	<i>Ideia fantasiosa</i>	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0%
	<i>Inf. Equivocada</i>	0	4	2	0	0	0	0	0	0	6	5%
	<i>Resp. favorável</i>	14	11	13	14	13	11	12	12	14	114	87%
<b>Nordeste</b>	<i>Desconhecimento</i>	1	1	1	0	0	0	0	0	1	4	5%
	<i>Ideia fantasiosa</i>	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0%
	<i>Inf. Equivocada</i>	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0%
	<i>Resp. favorável</i>	4	4	5	7	8	9	12	11	9	69	95%
<b>Centro-oeste</b>	<i>Desconhecimento</i>	0	2	1	0	0	4	2	3	1	13	18%
	<i>Ideia fantasiosa</i>	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0%
	<i>Inf. Equivocada</i>	0	0	0	0	0	0	2	0	0	2	3%
	<i>Resp. favorável</i>	8	3	4	0	1	5	16	10	12	59	80%
<b>Sudeste</b>	<i>Desconhecimento</i>	3	11	1	2	1	4	1	0	0	23	22%
	<i>Ideia fantasiosa</i>	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0%
	<i>Inf. Equivocada</i>	2	0	0	0	2	0	0	0	0	4	4%
	<i>Resp. favorável</i>	6	2	9	13	12	6	11	10	81	77	74%
<b>Sul</b>	<i>Desconhecimento</i>	1	3	2	1	2	1	0	3	1	14	12%
	<i>Ideia fantasiosa</i>	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0%
	<i>Inf. Equivocada</i>	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0%
	<i>Resp. favorável</i>	4	7	6	13	14	13	18	14	15	104	88%

Fonte: elaboração própria

Tendo em vista a possibilidade do agrupamento das três primeiras categorias, optou-se por fazê-lo para então aplicar a prova de Qui-quadrado, tendo como objetivo comparar as possíveis divergências entre as frequências observadas. O agrupamento das categorias pode ser visualizado na Tabela 4.

Tabela 4 - Deficiência visual: frequências provenientes do agrupamento das categorias.

GRUPOS											
Regiões	Categorias	G1	G2	G3	G4	G5	G6	G7	G8	G9	T
<b>Norte</b>	<i>Resp. desfavorável</i>	1	5	2	0	1	2	0	3	3	17
	<i>Resp. favorável</i>	14	11	13	14	13	11	12	12	14	114
<b>Nordeste</b>	<i>Resp. desfavorável</i>	1	1	1	0	0	0	0	0	1	4
	<i>Resp. favorável</i>	4	4	5	7	8	9	12	11	9	69
<b>Centro-Oeste</b>	<i>Resp. desfavorável</i>	0	2	1	0	0	4	4	3	1	15
	<i>Resp. favorável</i>	8	3	4	0	1	5	16	10	12	59
<b>Sudeste</b>	<i>Resp. desfavorável</i>	5	11	1	2	3	4	1	0	0	27
	<i>Resp. favorável</i>	6	2	9	13	12	6	11	10	8	77
<b>Sul</b>	<i>Resp. desfavorável</i>	1	3	2	1	2	1	0	3	1	14
	<i>Resp. favorável</i>	4	7	6	13	14	13	18	14	15	104

Fonte: elaboração própria

Buscou-se comparar todas as regiões, ou seja, realizar uma comparação entre todas as regiões, para verificar se há diferença estatisticamente significativa. O resultado encontrado sugere que há essa diferença, sendo  $\chi^2 = 17,488$ , o valor de  $P = 0,0016$ , com 4 graus de liberdade.

Além disso, a comparação realizada entre todos os grupos por região apresentou os seguintes resultados: região Norte  $\chi^2 = 10,611$ , o valor de  $P = 0,2248$ , com 8 graus de liberdade; região Nordeste  $\chi^2 = 8,640$ , o valor de  $P = 0,3736$ , com 8 graus de liberdade; região Centro-Oeste  $\chi^2 = 8,896$ , o valor de  $P = 0,3511$ , com 8 graus de liberdade; região Sudeste  $\chi^2 = 37,566$ , o valor de  $P = < 0,0001$ , com 8 graus de liberdade; região Sul  $\chi^2 = 8,834$ , o valor de  $P = 0,3565$ , com 8 graus de liberdade.

A maior diferença estatisticamente significativa encontrada, localiza-se na região Sudeste, pode-se perceber, inclusive na Tabela 4, que essa região teve mais respostas consideradas desfavoráveis do que as demais regiões, sendo especialmente desconhecimento e respostas equivocadas com relação a deficiência visual. As respostas favoráveis em maior frequência encontram-se na região Nordeste e Sul, primeiro e segundo lugar respectivamente.

## Conclusão

Pelo exposto, observamos que, no geral, a deficiência visual é vista de um modo menos prejudicial, ou seja, os participantes conseguem identificar com facilidade o que representa o conceito da deficiência. Tal resultado se aproxima do apresentado por Souza (2019), onde os participantes não apenas apresentam conceitos similares, como visualizam de modo mais favorável a deficiência visual do que outras categorias de deficiência, como a deficiência intelectual, por exemplo.

Exceto pelos participantes da região Sudeste, os demais grupos apresentaram respostas mais favoráveis e apresentaram falas relativas ao interesse em desenvolver amizade com pessoas cegas da mesma faixa etária, além de mencionarem os direitos da pessoa com deficiência.

Tais dados vão ao encontro de outros estudos, como o de Masini (2013) que apontam diversos aspectos relacionados ao que de fato é característica das pessoas com deficiência visual, o que chama mais atenção do público participante do estudo, ajudando na compreensão do conceito da deficiência, mas também das possíveis causas influenciando na capacidade aumentada de interação.

Nesse sentido, reforçamos a necessidade em possibilitar que crianças e adolescentes não apenas compartilhem suas percepções sobre diferentes fenômenos, aqui reportado no estudo, sobre deficiência visual, mas que especialmente se tornem protagonistas em pesquisas científicas, demonstrando seus interesses, preferências e possibilidades de resoluções de questões que facilmente poderiam ser revisitadas e melhor aproveitadas em situações educacionais e terapêuticas.

## Referências

- CONCEIÇÃO, A. de N. **Construindo um ambiente inclusivo: estudo sobre mudanças de concepções de deficiências e atitudes sociais de crianças em relação à inclusão.** 2018. 65 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação Especial e Inclusiva). Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2018.
- CONCEIÇÃO, A. N.; SOUZA, M. M. G. S. Concepções de crianças sem deficiências sobre as deficiências: pesquisa bibliográfica. **Póiesis Pedagógica**, Catalão - GO, v. 16, n.1, p.17-26, jan./jun, 2018.
- MAGIATI, I; DOCKRELL, J.; LOGOTHETI, A-E. Young children's understanding of disabilities: the influence of development, context, and cognition. **Applied Development Psychology**, v. 23, p. 409-430, 2002.
- MASINI, E. F. S. **O perceber de quem está na escola sem dispor da visão.** São Paulo: Cortez, 2013. v. 10.
- SOUZA, M. M. G. S. **Concepções de crianças não deficientes acerca das deficiências: estudo realizado com crianças de 4 a 6 anos de idade.** 2010, 53 f.. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010.
- SOUZA, M. M. G. S. **Concepções de deficiência e atitudes sociais de crianças e adolescentes sem deficiência pertencentes a contextos sociais diferentes.** 2019, 132 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2019.
- SOUZA, M. M. G. S. **Estudo evolutivo de concepções de crianças e adolescentes sem deficiência sobre as deficiências e suas atitudes sociais em relação à inclusão.** 2014, 132 f. Dissertação (Mestrado em educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2014.